

BRASIL PROXIMO

Fevereiro 2014

A APICULTURA NA REGIÃO CENTRO PAULISTA

11

A apicultura
na Região
Centro Paulista

Introdução

Um pouco de história

A apicultura

Indicativos e desafios
para políticas públicas



INTRODUÇÃO

Sérgio
Azevedo Fonseca

A apicultura é considerada, sobretudo por pesquisadores e estudiosos do tema e por praticantes da atividade (os próprios apicultores), como uma atividade cuja importância transcende a dimensão meramente econômica. Além de ser fator gerador de renda, tem um forte apelo social, em virtude de ser praticada, sobretudo, no âmbito da produção familiar, demandando baixos investimentos, tanto para o início quanto para a manutenção e a expansão da produção. Também é vista como uma atividade com efeitos ambientais promissores, dado o trabalho de polinização (de espécies nativas e cultivadas) efetuado pelas abelhas.

Essa virtuosidade da atividade – largamente reconhecida como promotora dos pressupostos e das dimensões do desenvolvimento sustentável – aliada à sua presença em todos os municípios da região Centro Paulista, com forte potencial de integração, tanto horizontal quanto vertical, intra e intermunicipal,

constituíram-se nos principais fatores que motivaram a elaboração desta cartilha.

O potencial de integração horizontal, intermunicipal, se expressa e se materializa por dois fatos: de um lado, pela inexistência de fronteiras geográficas para os pastos apícolas, o que implica a territorialização ampliada da produção; de outro, pela expressão regional adquirida por associações e cooperativas de apicultores, em praticamente todo o país.

Já o potencial de integração vertical desponta como uma possibilidade, passível de ser materializada por meio de iniciativas e intervenções inseridas em contextos locais de políticas públicas de apoio à agricultura familiar. Esse indicativo passa a se constituir em uma hipótese norteadora das proposições desta cartilha, elaborada a partir de resultados obtidos em uma pesquisa realizada na região central do Estado de São Paulo.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Desde os tempos pré-históricos o homem tem o mel como alimento, sendo, de início, extraído das colméias de forma predatória. Consta em registros históricos que, já as civilizações da antiguidade (egípcia, grega e romana) passaram a racionalizar o manejo das abelhas e de suas colméias, de forma a aperfeiçoar a retirada do mel, sem causar danos às abelhas. A evolução do manejo passou a propiciar a produção, não apenas do mel, mas também da cera, da geléia real, do pólen, da própolis e da apitoxina.

No Brasil o início da atividade apícola se deu em meados do século XIX, com a introdução de abelhas europeias da espécie **Apis Mellifera**. Essas abelhas, contudo, habituadas ao clima europeu, apresentavam baixa produtividade em terras brasileiras, fato que fez o

renomado biólogo e pesquisador Dr. Warwick Estevam Kerr, trazer da África, em 1956, abelhas do tipo **Apis mellifera scutellata**, habitualmente conhecidas como abelhas africanas. Tais abelhas apresentavam excelentes índices de produtividade e alta adaptabilidade ao clima brasileiro, e a intenção inicial era de efetuar de forma controlada o cruzamento com a abelha europeia. Anos depois, um incidente ocorrido em um apiário experimental de eucaliptos no município de Rio Claro – SP, que abrigava abelhas africanas, resultou em cruzamento das mesmas com as abelhas melíferas europeias, já existentes em solo brasileiro. Desde então, há em todo território brasileiro abelhas poli híbridas, conhecidas como abelhas africanizadas, que passaram a ser as mais utilizadas pela apicultura brasileira.

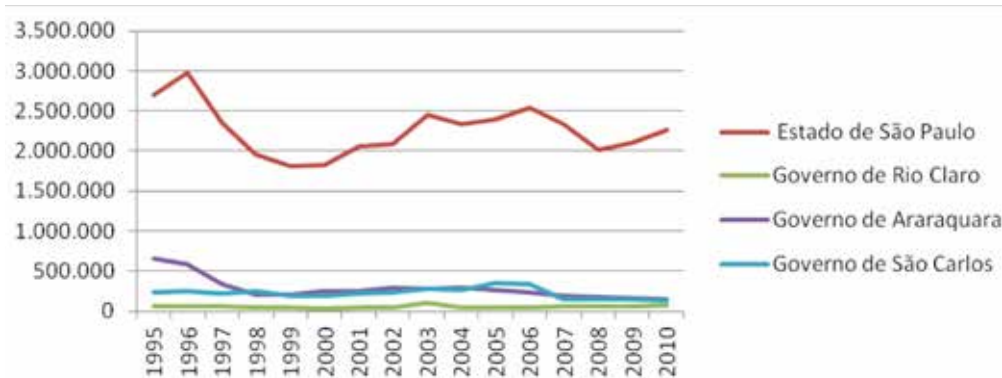
A APICULTURA NA REGIÃO CENTRO PAULISTA

A Região Administrativa Central do Estado de São Paulo, integrada pelas regiões de Governo de Araraquara e São Carlos, foi responsável por cerca de 12,5% da produção total de mel do Estado de São Paulo em 2010, de acordo com dados da Fundação SEADE.

Computando-se a Região de Governo de Rio Claro, essa participação alcança a casa dos 15%, correspondente a cerca

de 350 toneladas anuais do produto. Esse percentual é substancialmente inferior ao alcançado pelo conjunto das três regiões em meados da década de 90, quando chegaram a responder por pouco mais de 30% do total da produção de mel do Estado de São Paulo. O comportamento declinante dessa queda da produção de mel na região central do Estado pode ser visualizado no gráfico contido na figura 1.

Figura 1
Evolução da produção de mel no Estado de São Paulo e nas regiões de governo do centro paulista
Fonte: SEADE, 2012



A busca pela identificação das razões e dos fatores indicativos dessa drástica redução da produção regional do mel demanda a utilização de dados primários, uma vez que os dados secundários relativos à extensão dos laranjais na região (supostamente um dos principais pastos apícolas disponíveis) apontam que não houve nenhuma retração substancial dos mesmos.

Importante ressaltar que esses dados de produção não se referem às quantidades produzidas regionalmente, porém, mais precisamente, aos volumes informados por produtores domiciliados nos municípios da região. Isso em virtude do perfil predominantemente exógeno da produção apícola na região centro paulista, cujas colméias são essencialmente migratórias, dado o crescente escasseamento dos pastos apícolas regionais, sobretudo em virtude do uso indiscriminado de agrotóxicos nas monoculturas de laranja e cana-de-açúcar, grande parte por pulverização aérea. Desse modo, parte substancial da produção registrada como sendo da região provém de pastos apícolas distantes, notadamente de regiões fronteiriças com outros estados, em particular Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Paraná.

Considerando-se os índices técnicos relativos à produtividade na obtenção do produto primário (50 kg. de mel anuais por colméia e um posto de trabalho para cada 200 colméias), a estimativa do número mínimo de postos de trabalho gerado pela atividade, no conjunto das três regiões de governo consideradas, seria de apenas 35.

Trata-se, no entanto, de uma estimativa substancialmente conservadora, uma vez que a grande maioria dos apicultores residentes na região possui menos do que 200 colméias (potencialmente produtoras de 10.000 kg. anuais do produto).

Outra característica marcante da produção apícola regional, apurada por meio dos dados secundários consultados, é a ausência de diversificação da produção. Os dados secundários não apontam qualquer registro dos demais derivados da cadeia apícola, tais como a geléia real, o própolis, a cera apícola ou o pólen. Isso implica a grande especialização dos apicultores regionais na produção do mel, sem a indicação dos tipos de floradas predominantes – supostamente em virtude do caráter marcadamente migratório das colméias.

Importante parcela dessas constatações, sobretudo as relativas aos volumes regionais da produção do mel e as referentes à ausência de diversificação da produção, não encontrou aderência com os dados coletados em campo, por meio das entrevistas realizadas com apicultores dos municípios de Araraquara, Descalvado, Rio Claro e São Carlos.

Uma das principais evidências reveladas pela pesquisa foi a de que os apicultores que mantêm a sua atividade na região podem ser considerados sobreviventes ou integrantes de uma legião de resistência ao padrão de produção agrícola hegemônico na região, marcado pela monocultura e pelo uso intensivo de agrotóxicos.

INDICATIVOS E DESAFIOS PARA POLÍTICAS PÚBLICAS

O conjunto das fragilidades e dificuldades enfrentadas pelos apicultores nos municípios da Região Centro Paulista expressam a premência da formulação e da implementação de medidas de políticas públicas passíveis de contribuir para o fortalecimento da apicultura na região.

A pesquisa apontou para duas possibilidades de intervenções por meio de políticas públicas: a primeira, fugindo ao alcance dos agentes públicos locais, representada por improváveis ações orientadas para mudanças no padrão de produção agrícola regional, sobretudo no que diz respeito à proibição ou, minimamente, ao rigoroso controle do uso de agrotóxicos; a segunda, mais ao alcance dos agentes públicos locais, correspondente à criação de infra-estruturas locais facilitadoras do processamento e do envasamento do mel, medida essa considerada capaz de agregar valor, de forma substancial, à produção dos apicultores regionais.

Foi precisamente essa perspectiva que motivou a equipe do Projeto Centro Paulista (no contexto do Programa

Brasil Próximo) a buscar alternativas de localizações para a instalação de um entreposto do mel. Essa motivação foi alimentada pelo interesse de uma cooperativa de apicultores sediada em um município próximo a Ribeirão Preto em transferir a sede para a região centro paulista sob a condição da instalação do entreposto.

Com base nessa sinalização a equipe do Projeto Centro Paulista passou a sondar, entre os municípios parceiros, eventuais interesses na destinação de espaço físico para que o entreposto fosse criado. O primeiro a se manifestar foi Araraquara, por meio da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, iniciativa que, no entanto, não prosperou em virtude da inexistência de imóvel de propriedade da prefeitura em condições para abrigar o entreposto. Em seguida a equipe buscou a prefeitura de Gavião Peixoto, que dispunha de imóvel, ocioso à época (ao final do ano de 2012), que supostamente se adequaria ao propósito. Após estudos preliminares, no entanto, a possibilidade foi descartada uma vez que o imóvel se situava em perímetro urbano, próximo a bairro residencial,

o que supostamente ofereceria riscos de alcance da população do entorno por abelhas que, naturalmente, seriam atraídas pelo entreposto.

A terceira alternativa buscada foi com o município de Ribeirão Bonito, alternativa considerada virtuosa pela equipe do Projeto Centro Paulista em virtude da enfática vontade política revelada pelo prefeito. Uma vez mais, no entanto, a viabilização da instalação do entreposto foi bloqueada pela proximidade do imóvel disponibilizado a uma creche existente no entorno. Isso não foi suficiente, no entanto, para que o prefeito fosse dissuadido do propósito: determinou a seus assessores que buscassem encontrar outros imóveis, esforço este que ainda se encontra em curso neste mês de abril de 2014.

Estudos realizados pela equipe do Projeto Centro Paulista revelaram, no entanto, que a existência de imóvel, em localização e em condições adequadas, não é condição suficiente para tornar realidade a existência do entreposto. É mister a busca de recursos, junto a agências e a órgãos do governo estadual e do governo federal, para custearem

a reforma do imóvel e sua adequação às normas das autoridades sanitárias, sobretudo federais, e também para a aquisição dos equipamentos necessários às operações do entreposto. Para tanto será necessária a elaboração de projetos técnicos específicos, condição essa passível de ser suprida pela equipe do Projeto Centro Paulista.

Trata-se, a instalação do entreposto, de uma iniciativa com grande potencial de contribuir, de forma altamente virtuosa, para o desenvolvimento local, em suas dimensões econômica, social e ambiental, uma vez que, além de estimular práticas agrícolas saudáveis, agregará valor à produção das pequenas propriedades que mantiverem colméias no seu entorno, pelo processo de polinização. Ademais, a existência do entreposto será fator de atração para apicultores de outros municípios da região, o que irá fortalecer a cooperativa. Por fim, a expansão do volume de mel processado, em conformidade com as normas das autoridades sanitárias federais poderá inserir a Região Centro Paulista na órbita das regiões exportadoras de mel, com substancial

Programa “Brasil Próximo” cinco regiões italianas para o desenvolvimento local integrado no Brasil.

Rede de instrumentos e apoio ao desenvolvimento local e às micro e pequenas empresas na região centro paulista.

Realização

Observatório do desenvolvimento local no Centro Paulista
Rua Voluntários da Pátria, 1309 | Fone: (16) 3301 - 7126
<http://www.brasilproximocentropaulist.com.br>

Coordenação Técnica

Coordenadora Prof^a. Dr^a. Helena Carvalho De Lorenzo (UNIARA)
Prof. Dr. Sérgio Azevedo Fonseca (UNESP Araraquara)
Prof^a. Dr^a. Wanda Machado Hoffmann (UFSCar)
Prof. Eduardo Rois Morales Alves (UNIARA)
Pesq. Dr. Ricardo Bonotto (UNESP Araraquara)

Secretaria Executiva

Presidente Newton Cainelli
Prefeitura Municipal de Araraquara
1º Vice-Presidente Marcos Martinelli
Prefeitura Municipal de São Carlos
2º Vice-Presidente Carlos De Lucca
Prefeitura Municipal de Rio Claro

Agentes do desenvolvimento local

Lucas José Campanha - Município de Araraquara
Larissa Palacio - Município de Jaú e Gavião Peixoto
Fernando Amorim Rosa - Município de Rio Claro
Natalia Luiza Sartorelli - Municípios de Descalvado e São Carlos
Ricardo Gama - Municípios de Itirapina e Ribeirão Bonito

Pubblicazione realizzata a cura di

Segretariato Operativo Brasil Proximo,
Sviluppumbria Spa

Progetto Comodo, Comunicare Moltiplica Doveri
direzione artistica Marco Tortoioli Ricci
impaginazione Giuliano Chimenti